

O Globo

19/5/1984

O maior do mundo

JOELMIR BETING

O maior pepino do mundo é brasileiro, só poderia ter nascido no Brasil. Antes, até abril, falava-se de um pepino de 6,5 quilos tamanho de melancia, colhido em um certo rancho do Texas, segundo o Livro dos Recordes, o do Guinness.

Há duas semanas, o açougueiro aposentado Reynaldo Jacobus, gaúcho de Igrejinha, colheu numa horta da cidade um exemplar de 36 quilos, com mais de um metro de comprimento.

A população fez muita festa para o maior pepino do mundo, ao tempo em que se registrava a colheita de exemplares de até 33 quilos, em linha de montagem, na cidade de Nova Petrópolis, também em generoso solo gaúcho.

* * *

Glória passageira, a de Reynaldo Jacobus, de Igrejinha. Nesta terça-feira, Dario Beckhauser, da cidade de Armazém, na Região de Criciúma, SC, alertado pelo telejornal da véspera, sacou do quintal um pepino de 56 quilos, com um metro e meio de comprimento, 94 centímetros de diâmetro.

Este, sim, é por todos os pesos e medidas o maior pepino do mundo. Parece uma foca sem bigode.

Humildemente, o catarinense Beckhauser desafia o gaúcho Jacobus e promete tirar do chão um pepino de 100 quilos, "quase do tamanho de um cavalo". E sem qualquer trato especial, sem qualquer experimento genético, ressalva Beckhauser, rodeado de parentes e vizinhos:

"Pra dizer a verdade, o maior pepino do mundo não tem mistério: é feito com sementes de amor, regado com, carinho e adubado com garra verde-amarela. O verdadeiro adubo da terra brasileira é o amor que a gente deve cultivar por ela. A natureza percebe e retribui."

* * *

Os brasileiros de fronteira agrícola, de costas para a crise do Brasil metropolitano, estão disputando um campeonato de berço esplêndido nas fímbrias amazônicas do oeste. Em jogo, o "Troféu Impávido Colosso".

Em assentamentos dirigidos de Rondônia está-se obtendo abacaxis de 30 quilos, mandiocas de dois metros e maracujás dê quilo e meio. Setentrião de Goiás, obtém-se o dobro de rendimento por hectare cultivado de arroz de sequeiro, se cotejado com a produtividade média das lavouras do Centro-Sul.

Mas a resposta da natureza generosa não bate com o mau funcionamento do mercado agrícola. Problemas de preço, crédito e transporte derrubaram pela metade a produção de arroz na região do Médio Araguaia. A região pode colher até seis milhões de sacas, mas o novo plantio não passa de três milhões.

* * *

Qual é o problema? A gente importa arroz da Tailândia. Ou será que não? O Rio Grande do Sul está ensacando uma safra recorde de 2,9 milhões de toneladas por sobre 660 mil hectares. Um terço da safra nacional, estimada por Homero Guimarães, da Fearroz, em 8,9 milhões.

O consumo brasileiro está estimado em 9,2 milhões. O arroz penetra no vazio de cardápio deixado pelo recuo do feijão e do trigo. Ou do macarrão, comida de bóia-fria.

* * *

No meu tempo, bóia-fria, ataca de polenta com torresmo, milho e porco de quintal. Agora, bóia-fria não consegue pagar Cr\$ 50 mil por mês na conta de água encanada, vontade de cavar cisterna ao lado da fossa-negra. Terça-feira, em Guariba, SP, o pessoal destruiu o edifício da Sabesp a pauladas.

O ganho atrofiado pelo gasto — despesa do essencial ultrapassando de longe o salário do canavial aprofunda uma distorção estrutural: o trabalhador do campo mora na cidade e na cidade tão tem como criar galinha, engordar porco, fazer banha, trocar ovos, cultivar horta, plantar milho, moer o fubá, almoçar a polenta, jantar a pamonha.

** *

O caso do milho é trágico. A culinária do fubá cedeu lugar. A culinária do trigo. O milho era nosso, o trigo é importado e competentemente subsidiado. Por volta de 1978, o subsídio ao consumo interno do trigo argentino, canadense ou americano aproximou-se de 80 por cento.

A tal ponto que se flagrou pelos empórios da vida grosseiras falsificações de farinhas de milho e de mandioca com adição clandestina de farinha de trigo cotada em dólar...

* * *

Na supressão gradualista do subsídio do trigo, já abaixo de 45 por cento, reabilita-se a culinária do milho na mesa do brasileiro.

Outro dia, José Milton Dallari, da SEAP, ofereceu-me uma deliciosa macarronada. Pediu-me o elogio de praxe e louvei o tempero à base de tomate e manjerição.

"E que tal o macarrão?" — indagou-me, ansioso.

Nada de especial, massa leve, no ponto. Pois se tratava de macarrão feito de quatro partes de trigo e uma parte de milho. Essa mistura de 20 por cento vai alcançar, a partir de setembro, o pão francês em escala nacional no Nordeste, um batismo adicional de mandioca nas massas de trigo. Minha cunhada Josefina contempla-me vez por outra com um fantástico "gnocchi" de mandioca.

* * *

Com o enriquecimento da farinha de trigo por misturas de milho, mandioca, cará e sorgo, o Brasil espera poupar ,na importação do grão bíblico cerca de US\$ 400 milhões por ano. Os técnicos da Embrapa sustentam que a massa de trigo aceita até 40 por cento de milho no macarrão e no biscoito. O problema da mistura está no potencial da colheita dos grãos alternativos, com seus preços espasmódicos. Ano passado, o milho implodiu os custos da ração do frango, do porco e do leite, destruindo rebanhos e fechando criatórios no Brasil inteiro.

* * *

O próprio trigo tupiniquim entra agora na safra de inverno com o pé esquerdo. A chuva fora de hora e o crédito idem estão comprometendo o plantio no Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul.

As chuvas estão retardando a conclusão do plantio gaúcho de 800 mil hectares. No Paraná, tenta-se repetir a mesma área do ano passado, com 930 mil hectares. Era todo o Brasil, o trigo deve ocupar menos de dois milhões de hectares.

Na melhor das hipóteses, saindo tudo redondo nos conformes e nos entretantos, vamos colher 2,2 milhões de toneladas, menos de um terço do consumo nacional.

* * *

Haja feijão. A safra de inverno começa apanhando da chuva e o Governo autoriza a importação de 30 mil toneladas de feijão mexicano e chileno. O importado vai direto para o Nordeste.

O mercado anda meio confuso, mas bem menos confuso que o da leguminosa mais ilustre: a soja. De intervenção em intervenção, do óleo enlatado ao preço do grão, o Governo desgoverna os negócios da soja a exemplo do que anda fazendo com os negócios da carne bovina.

Ou no suspiro da Ocepar, em Curitiba:

"O, maior pepino do mundo, o pepino de 16 milhões de toneladas, é negociar com soja no Brasil."

(Página 16)